

## Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922 -1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina

Nelson Maurílio Coelho Júnior\* e Maria Teresa Santos Cunha\*\*

### Palavras-chave:

Quadros de Formatura  
Cultura Material da Escola  
História da Educação

Resumo: Este trabalho tem como base a reunião, organização e análise de seis quadros de formatura produzidos entre os anos de 1921 e 1929, pelo Colégio Coração de Jesus – CCJ, na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. Na esteira dos trabalhos desenvolvidos no campo da História da Educação sobre cultura material da escola, esta pesquisa busca analisar imagens visuais e discursivas que circularam, como crenças, nesses artefatos produzidos para serem vistos e lembrados. O estudo visa compreender historicamente as acepções da educação presentes em sua materialidade, o seu processo de produção como “acionadores” de um sentido para a educação do período e a sua constituição como parte da cultura material da escola do passado que se dava a ver para a posteridade

### Keywords:

Graduation Pictures  
Material School Culture  
History of Education

Abstract: This work is based on the gathering, organization and analysis of 6 graduation paintings produced between the years 1921 and 1929, the College Heart of Jesus - CCJ in the city of Florianópolis, capital of the State of Santa Catarina. In the wake of the work performed on culture school supplies, this research is linked to the History of Education. Seeks to analyze visual and discursive images that circulated as beliefs in graduation frames regarded as artifacts produced to be seen and remembered. The collection now has 20 frames of graduation. Of this total, 16 are of wall (larger) and 4 are portable or desktop. The time frame election is justified by characterizing the institutional consolidation period in the educational field enhanced by Match your courses to Santa Catarina Normal School.

Recebido em 27 de outubro de 2015. Aprovado em 15 de dezembro de 2015.

## Introdução

Este trabalho tem como base a reunião, a organização e análise de seis quadros de formatura produzidos entre os anos de 1921 e 1929 (Figura 1), pelo Colégio Coração de Jesus – CCJ, na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Na esteira dos trabalhos desenvolvidos sobre cultura material escolar, esta pesquisa vincula-se à História da Educação e busca analisar imagens visuais e discursivas que circularam como crenças em quadros de formatura considerados como artefatos produzidos para serem vistos e lembrados. O acervo conta hoje com 20 quadros de formatura. Desse total, 16 são de parede (de dimensões maiores) e quatro são portáteis ou de mesa. A eleição do recorte temporal justifica-se por caracterizar o período de consolidação institucional no campo educacional reforçada pela equiparação de seus cursos à Escola Normal Catarinense.

Esse constructo buscará compreender historicamente os sentidos da educação presentes nos quadros de formatura do CCJ, na década de 1920. Esses objetos de celebração do ato de formatura escolar serão analisados em suas materialidades, em seu processo de produção como “acionadores” de um sentido para a educação do período e como componentes de uma cultura material da escola do passado que ficava para a posteridade.

As questões que norteiam esse texto estão divididas em três momentos, determinados pelo fluxo de eventos que possibilitam os quadros serem interrogados e interpretados: como frestas abertas para o tempo presente, como objetos de exposição elaborados e assinados por “artistas fotógrafos” e como registros perenizados de uma fração da rede de sociabilidade construída pelo colégio. Trata-se de uma dinâmica que envolveu o contato com o acervo de objetos aqui problematizados pela narrativa.

\* Doutorando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Email: [nelsonmacjr@yahoo.com.br](mailto:nelsonmacjr@yahoo.com.br)

\*\* Doutora em Educação/ História e Filosofia pela Universidade de São Paulo e professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Email: [mariatsc@gmail.com](mailto:mariatsc@gmail.com)

**Figura 1 - Quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922-1929)**



Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus) - Montagem a partir do acervo fotográfico do autor (2011)

## Frestas abertas para o tempo presente

De acordo com Souza (2007), o final do século XIX – período em que ocorreu a fundação do CCJ – foi marcado por mudanças no sistema produtivo mundial, fruto da expansão da indústria e da cultura de massas. Seus estudos dão visibilidade à ampliação da variedade do material da escola primária, a partir da consolidação dos Estados Nacionais, dos avanços decorrentes da produção industrial e da expansão do comércio mundial. O estudo da cultura material escolar possibilita a análise dos objetos em si como também os possíveis efeitos dos seus usos, desusos e descartes no cotidiano dos estabelecimentos educacionais. Além disso, possibilita a investigação da circulação dos objetos para a compreensão desses espaços como integrantes do circuito comercial da economia capitalista associada à expansão da escolarização das massas. Para a autora, a proliferação dos:

Artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. (SOUZA, 2007, p. 170).

Os quadros de formatura – bem como os outros objetos que constituem a cultura material escolar – foram construídos, consumidos e expostos nas paredes do CCJ e guardam entre suas molduras o recorte de um tempo cujos sentidos foram construídos socialmente. Funcionam como frestas abertas para o tempo presente e foram construídos para a exposição e produção de um cenário memorável.

A relação entre memória e História é um tema frequente no campo historiográfico. Para Ricoeur (2003), a memória e a História convivem em um fluxo contínuo de trocas e sustentação. A História, por sua proximidade, enreda-se na memória que lhe dá acesso ao passado por meio do reconhecimento do que passou como digno de validação pelo que ainda está passando. O historiador faz a reapropriação do passado, transmutando em conhecimento histórico os resíduos da passagem do tempo transmitidos e reconhecidos pela memória. É nesse sentido que os quadros de formatura serão analisados: como portadores de uma memória sujeita às perturbações provenientes da passagem do tempo, um tempo que já não está lá, mas esteve e que pode ser reapropriado historicamente.

Por esse prisma é possível investigar esses objetos de celebração sob a perspectiva de trocas constantes entre a memória socialmente construída e rememorada pela exposição, bem como o processo de lembrar e esquecer,

pois “se somos incapazes de lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar” (RICOEUR, 2003, p. 7).

Os seis quadros aqui analisados celebraram as formaturas de 1922, 1923, 1926, 1927, 1928 e 1929 e foram construídos para registrar, dar visibilidade e tornar memorável a conclusão de curso das primeiras turmas de normalistas. De caráter confessional e privado, o CCJ - Atual Colégio Bom Jesus - fundado pela Congregação da Divina Providência, no ano de 1898, visava prestar serviços educativos às filhas provenientes, majoritariamente, das famílias mais abastadas. Autores como Cunha e Leal (1991) descrevem que a emergência do CCJ, na cidade de Florianópolis, no período de transição do século XIX para o século XX representou uma possível solução para as defasagens educacionais da época. O colégio propunha-se a formar as filhas dos poucos privilegiados membros de uma:

Classe média que passava a ocupar postos, seja na burocracia federal ou estatal que se formava, seja no comércio ou em outras atividades econômicas que aos poucos se diversificavam, colocavam necessidades novas, como as relacionadas à educação dos filhos (CUNHA; LEAL, 1991, p.37)

A demanda pela formação de professores abre espaço para o trabalho das irmãs da Congregação da Divina Providência. No ano 1908, com o Decreto nº 348, o colégio conquista a autorização para a abertura de um curso preparatório para alunas que desejavam ingressar na Escola Normal. Em 1911 o colégio cria sua escola complementar autorizada pelo Decreto nº 604, de 11 de julho<sup>1</sup>. A escola complementar foi ampliada e equiparada à Escola Normal Catharinense<sup>2</sup> com a publicação da Lei nº 1253, de 1º de setembro de 1919, a qual se refere ao Decreto nº 1340, de 20 de fevereiro.

A equiparação do Curso Complementar do CCJ à Escola Normal Catharinense em 1919 sinalizou para a oportunidade de consolidar a instituição no campo educacional, chancelando à sociedade o reconhecimento estatal ao trabalho de formação de professoras. É nesse momento de afirmação institucional que emergem os quadros de formatura das primeiras normalistas. Além da formação de professoras, as famílias tradicionais ansiavam também pela formação conservadora católica e pelo aprimoramento das funções destinadas às

mulheres, sejam estas esposas, donas de casa e mães da época.

Os quadros de formatura analisados aqui podem ser entendidos como uma estratégia de promoção e divulgação das ações e do ensino dessa Instituição. A presença da fotografia é majoritária nesses artefatos e aponta para uma intenção institucional de registrar por meio de um arranjo de imagens um momento que não deveria ser esquecido. A produção para o consumo por meio da exposição e sua permanência no acervo faz desses “objetos-relíquia”<sup>3</sup>, pois estes reservam um corpo material e imaterial que contribui para sustentar ou justificar a existência do colégio até os dias atuais. Os objetos do acervo possuem e despertam sentidos que coadunam com as crenças e valores ainda presentes no CCJ. Sentidos que provavelmente estão vinculados à capacidade de acionar memórias e provocar o reconhecimento de uma longa jornada de trabalho no campo educacional.

As formandas formam um grupo homogeneizado pelo agrupamento de retratos individuais. Foram fotografadas em trajes que atualmente lembram uniformes masculinos ou de garçonetes, os quais, curiosamente, não são trajes de uso rotineiro. Tudo indica que as normalistas seguiam as determinações da moda da época, que previa um modelo ditado pelos jornais, revistas, livros e principalmente pelo cinema. No jornal República, publicado em outubro de 1926, é possível encontrar uma das possíveis entradas de divulgação de moda. Na nota do jornal intitulada de “Cabellos A La Garçone”, que traz um pequeno resumo sobre o filme homônimo produzido e lançado naquele ano pela empresa Warner Bros, descreve as oito partes do filme estrelado por uma atriz de cabelos curtos. Segundo o texto:

Certamente as senhoras ou senhoritas que já cortaram os seus formosos cabellos, já tiveram uma impressão extraordinária; mas não tanta quanta a bella herdeira de alguns milhões de dólares, que não sabendo a qual dos dois pretendentes devia attender fica indeciza. (República, Florianópolis, p. 4, 5 out. 1926).

O colégio recebia moças provenientes de todo o estado e por isso também funcionava no regime de internato. As normalistas que aparecem nas fotografias dos quadros da década de 1920 foram educadas para

ter uma aparência fina e delicada. A formação das normalistas buscava suprir os anseios sociais, que foram estudados por Cunha e Leal (1991). Em seus estudos sobre a educação da mulher ministrada pelo CCJ, afirmam que:

Uma das dimensões desse ideal de mulher referia-se à aparência que toda “moça fina” ou de “boa família” deveria ter. É preciso não esquecer a importância que, nessa época (primeira metade do século), era conferida às aparências. A observância das aparências era decisiva, especialmente para uma classe média ascendente, numa cidade como Florianópolis, cujo perfil interiorano, ainda que capita, favorecia o exercício de um intenso controle social, de modo particular sobre as mulheres, indivíduos destinados “naturalmente” à esfera do privado e cuja aparição no espaço público “ainda mais se tratasse de mulher solteira” era cercada de múltiplas precauções: quanto ao traje, penteado, uso de cosméticos etc. (CUNHA; LEAL, 1991, p. 65)

Para a autora existia um grande olho vigilante sobre as mulheres, o mesmo olho que apreciaria o quadro e observaria o respeito aos regulamentos socialmente tolerados. Fica evidente em um primeiro olhar que as fotografias congelaram rostos de adolescentes recém-formadas no curso de normalistas que carregavam em suas expressões o peso das exigências e expectativas sociais. Seus corpos foram transformados em bustos pelo recorte fotográfico e perenizados como monumentos. Rostos sérios distantes de comportamentos lascivos e censuráveis. Os quadros de formatura desta análise

apresentam uma mulher idealizada e representada pelo imaginário corrente à época que, em geral, considerava as normalistas como profissionais vinculadas ao ideal de mulher puritana e religiosa.

As molduras que margeiam os quadros de formatura atuam como limitadoras do olhar, pois isolam a composição do seu entorno. A quebra produzida pela moldura induz o observador a concentrar-se na cena e impede a dispersão e/ou a perda do foco. Na construção das molduras (Figura 2) foram empregados materiais e detalhes diferenciados. Contrariamente ao que se sucedeu no interior da composição, nas molduras não são evidentes as repetições que sugeriram na uniformização das estruturas. Todas são feitas de madeira, sendo que no quadro de 1928 aparecem relevos feitos em gesso. As molduras dos quadros de 1923 e 1927 foram construídas em linhas retas em uma única cor e sem muitos detalhes e enfeites. Nas molduras de 1922 e 1926 os detalhes são mais suaves e refinados do que o alto relevo em madeira que foi entalhado nas molduras de 1928 e 1929. Não é possível inferir com segurança, os motivos que causaram essas alterações, talvez sejam variações aleatórias, pois aparentemente cumpriam também a função de acrescentar ao quadro um valor estético mais elevado. As molduras margeiam a composição e transferem às mesmas um ar clássico e requintado.

Guarnecer os quadros com essas margens rebuscadas contribuía para acrescentar pompa ao evento

Figura 2 - Molduras dos quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus - década de 1920



Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus). - Montagem a partir de fotografias do acervo do autor (2011).

representado e à instituição que o elaborou. Como o colégio lutava para se firmar no campo educacional na década de 1920 tais evidências permitem considerar que as bordas dos quadros de formatura guardem os vestígios desse empreendimento que comporia a cultura material da escola.

## O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura

Os quadros de formatura são testemunhos do trabalho dos profissionais da fotografia no início do século na cidade de Florianópolis. Um registro desses profissionais foi encontrado no jornal *República* de 5 de outubro de 1922. Nele o fotógrafo Arthur Carmo – autor que assina o segundo quadro de formatura construído no CCJ no ano de 1922 – divulga seu trabalho por meio de um anúncio veiculado na seção de classificados. O texto do anúncio expõe que – apesar das facilidades proporcionadas pelo refinamento tecnológico da reprodução de instantâneos, desde o advento da Kodak nos fins do século XIX – Arthur Carmo permanecia vinculado à tradição dos primeiros retratistas que aportaram na cidade de Florianópolis a partir da segunda metade do século XIX.

Nesse anúncio é possível perceber, que o comerciante buscou enfatizar as facilidades de aquisição pela variedade dos preços e pela quantidade de fotografias que poderiam ser adquiridas em todos os dias da semana no seu estabelecimento localizado na Rua Tiradentes. Essa rua localiza-se no centro da cidade e está a menos de 500 metros de distância do Colégio Coração de Jesus. A localização privilegiada do estúdio fotográfico revela a estratégia comercial para tornar-se acessível aos clientes. A fotografia, que trazia em seu suporte a capacidade de perenizar uma cena em um recorte imagético, logo se tornou uma espécie de fetiche de consumo.

A expansão dos negócios ligados à fotografia na cidade de Florianópolis fica ainda mais evidente no anúncio publicado pelo fotógrafo José Ruhland no jornal *República*. Nesse anúncio Ruhland divulga, na seção de classificados do jornal, a possibilidade do cliente adquirir:

O mais belo presente que v. s. pode oferecer a seus filhos e amigos no aniversário ou Natal

é um aparelho photographico. Apparelhos desde 18\$000 das marcas Kodak – Contessa – Ernemann – Goerz – Ica, etc, etc. Instrução gratuita aos srs. Compradores. Sortimento completo de artigos para Profissionais & Amadores: Films, Film-packs, Chapas, Papeis, Cartões, Albuns, Produtos químicos, e todos os Accessorios para photographia das melhores Fábricas: Agfa, Satrap, Kodak, Leornar, Gevaert, etc. etc. Execução rápida e perfeita de qualquer trabalho para os srs. Amadores. (*República*, Florianópolis, p. 3, 6 nov. 1922) .

O anúncio revela como havia demanda para esse tipo de produto na cidade e segundo ele, a loja oferecia inúmeras opções de presentes ligados ao universo fotográfico. É possível constatar que, mesmo com a popularização e democratização do consumo dessas mercadorias, a figura do fotógrafo habilidoso contribui para agregar valor à empresa. A presença de marcas estrangeiras no anúncio dos equipamentos indica a inserção da cidade de Florianópolis no circuito de circulação e consumo do comércio internacional de mercadorias. Vale destacar a localização do comércio intitulado de “Casa José Ruhland, Photographo, Rua Conselheiro Mafra 124”. Assim como o estabelecimento comercial de Arthur Carmo, a Casa José Ruhland localizava-se no centro da cidade, a uma distância aproximada de 500 metros do Colégio Coração de Jesus.

A tendência de conciliar a fotografia com a arte parece ter aportado na cidade, a partir de outro anúncio publicado no jornal *República*, o qual divulga uma exposição de retratos e descreve que:

O apreciado artista-photographo sr. Arthur Carmo fez, hontem, nas montras de seu atelier, á rua Tiradentes, uma exposição de artísticos trabalhos-retratos de distintas senhoras e senhoritas do nosso meio. São provas do grande merecimento do talentoso artista que tanto se recommenda ao apreço público. (*República*, Florianópolis, p. 2, 2 abr. 1922).

A partir desse anúncio é possível inferir que Arthur Carmo desejava amalgamar as funções de artista e fotógrafo. Seu vínculo com o mundo da arte foi reforçado pela descrição da mostra de “retratos de distintas senhoras e senhoritas” da sociedade florianopolitana, que expõe e valida sua atuação artística e técnica. É evidente a intenção de alcançar conhecimento e reconhecimento

como “artista-photograph”. Dois anúncios do mesmo jornal, publicados em fevereiro de 1922 (Figura 3) oferecem uma amostra do convívio comercial entre Colégio e fotógrafos.

A proximidade entre os anúncios das duas empresas revela uma convivência semeada nas grades da tipografia e colhida nos louros desenhados nos quadros de formatura. Além disso, o CCJ reforça o reconhecimento estatal de seus serviços educacionais por meio da divulgação de sua equiparação legalmente

o arcebispo metropolitano, o secretário particular do governador e de outras personalidades. As fotografias diferenciadas no formato e nas dimensões destacadas no quadro apontam para uma hierarquia no campo educacional naquele momento de afirmação institucional. A presença das autoridades no evento da formatura conferia prestígio a todos os envolvidos no evento. Em uma relação de trocas, o paraninfo, provavelmente, contribuiria financeiramente com a solenidade e ao mesmo tempo tinha sua imagem associada a um fato significativo no campo social. Dar e receber e ser associado definitivamente a uma solenidade representada na coleção fotográfica transcende a própria morte, pois o reconhecimento e a consagração das formandas e da instituição transferiam-se também ao paraninfo e aos homenageados. O registro dos personagens na formatura do CCJ, na capital do estado de Santa Catarina pode informar que essas trocas envolviam amizade, aceitação, lembrança, reconhecimento, legitimação entre os participantes. Como se trata de uma dinâmica de trocas sociais faz-se necessário mobilizar o conceito de “espaço de sociabilidade”.

Nos quadros de formatura analisados aqui é possível observar a cristalização de uma reunião de pessoas em um espaço de sociabilidade, onde ocorriam intercâmbios, aproximações, acordos, arranjos e outros elementos constitutivos dos jogos sociais na maioria das vezes não visíveis. Esses encontros acontecem simbolicamente sem assinaturas de contratos ou acordos. Estar na formatura poderia sugerir uma adesão, um aceite, uma colaboração em um evento que provavelmente envolvia forte aceitação social. E contar com a presença de uma personalidade proeminente vinculada ao poder político, econômico ou religioso também aditava prestígio, reconhecimento e outros elementos sutis ao Colégio. Sobre as sutilezas que envolvem essas relações de trocas, Simmel (1983) assinala que a sociabilidade acontece de maneiras quase imperceptíveis na observação direta, pois flui por meio das trocas relacionais, onde os indivíduos contatam, interagem e conectam-se a uma determinada rede social. A reciprocidade é uma característica marcante da sociabilidade, pois nasce das interações sociais, criando trocas recíprocas, círculos sociais de

Figura 3 – Anúncio do Jornal República



Fonte: Jornal República, Florianópolis, p. 4, 5 fev. 1922.

chancelada com a “Escola Normal Catharinense”.

### **Laços e enlaces: sociabilidades, personagens e distinções nos quadros de formatura**

Assim como nos demais quadros construídos em outras instituições, a presença de autoridades políticas nos quadros sinaliza a existência de uma rede de sociabilidade construída entre o CCJ e o poder representado em diversas esferas, como o Diretor da Instrução Pública do Estado de Santa Catarina,

indivíduos que se identificam pelo compartilhamento de valores, interesses, crenças, capital econômico etc. O autor afirma, ainda, que a sociabilidade é um fenômeno das cidades modernas reforçada pelas aglomerações humanas e pela aceleração de seu funcionamento em torno de possíveis ganhos.

A presença dessas autoridades nos quadros de formatura pode ser entendida como uma tentativa dos participantes de dar visibilidade à sua participação e, por estarem juntos no evento, demonstrar que estão em sintonia com os projetos, crenças, aspirações e realizações de relevância social. Por se tratar de uma capital de Estado, em processo visível de urbanização e expansão populacional, a formatura é valorizada na medida em que oportuniza o encontro entre desconhecidos. Encontro que pode reforçar alianças, estreitar laços, estabelecer trocas e firmar parecerias duradouras para os participantes. É bom lembrar que esses encontros nem sempre levam a resultados positivos, mas sua realização não pode ser ignorada no jogo social.

Ao examinar a dinâmica das interações sociais nos meios intelectuais Sirinelli (2003) descreve que a sociabilidade, ao criar conexões entre desconhecidos, fortalece essas conexões por meio das redes de sociabilidade, que no seu entendimento são “estruturas que permitem intercâmbio e fortalecimento de laços” (SIRINELLI, 2003, p. 265). Desse modo, é possível coligir que os quadros de formatura analisados apresentam uma fração das conexões sociais perpetradas pelo CCJ. Essas conexões entre os participantes e a instituição de ensino indicam a presença de uma rede pouco arguta de solidariedade amalgamada pelas trocas ocorridas e registrada parcialmente nos quadros de formatura.

## Considerações gerais

Norteadas pelo alargamento da concepção de documento e das perspectivas de pesquisa vinculadas às perspectivas da História da Educação com clivagem cultural, este texto pretendeu dar visibilidade e analisar artefatos imagéticos que pertencem à coleção de objetos do acervo do CCJ e que compõem a cultura material escolar da instituição. Sua materialidade transcende a presença física, pois fez e faz parte de uma trama de

relações com seus produtores e consumidores e em contato com eles, de alguma maneira, deram sentido mútuo às suas existências no universo escolar. São documentos e testemunhos de um momento de celebração, reconhecimento e consolidação. Os quadros de formatura guardam em suas molduras fragmentos vivos de uma escola pulsante, de saberes e práticas no campo educacional.

Alguns de seus construtores deixaram marcas e assinaturas que indicam uma intenção de autoria. Autodenominaram-se nos jornais como “artistas fotógrafos” e fizeram esses artefatos emergirem sob o estatuto do velho e do novo fundidos em sua materialidade. Os “artistas fotógrafos”, possíveis autores dos quadros, deixaram para o tempo presente pegadas de um tempo e lugar. Ao participarem da emergência dos quadros nos anos de formatura legaram a esses artefatos significados que a sociedade florianopolitana da época queria ver representada e perenizada em suas estruturas.

A História da Educação, em bases culturais, por sua amplitude de possibilidades de pesquisa abre-se como um leque de oportunidades e problematizações, permitindo a compreensão de uma parcela dos enlaces que compõem a tecitura do jogo social. A utilização dos objetos como fonte de informação para o estudo da História da Educação deve levar em conta que sozinhos esses documentos oferecem uma visão embaçada da constituição histórica da escolarização. Cotejados com outras fontes, os quadros de formatura ganham luz em sua materialidade, apresentando frestas de um tempo passado em um presente que passa.

O registro da presença de pessoas ilustres figurava entre os paraninfos e homenageados, permitindo que esses artefatos sejam lidos como fragmentos da rede de sociabilidade presente nas formaturas das normalistas na década de 1920. Assim, as formaturas promoviam o encontro ou a aproximação entre o colégio e os personagens proeminentes no campo social.

Os quadros de formatura reúnem em suas estruturas envelhecidas pela passagem do tempo algumas possíveis explicações e inumeráveis questões. Dotados de uma incomoda subjetividade, suas verdades não são dadas de prontidão e não passam de meras intenções que chegam aos dias atuais em meio ao pó e os cupins. A interpretação

desses objetos, na condição de participantes da cultura material da escola, exigiu diálogos teórico-metodológicos atinentes ao campo da História da Educação, da História das Imagens, em consonância com a própria História de Santa Catarina, sempre tendo por horizonte uma realidade que se abre em pequenas frestas e oferece ao historiador nada mais do que um mosaico de luz e sombras projetado sobre as paredes do agora.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

## Notas

1 Esse decreto foi substituído pela Lei nº 1025, de 14 de outubro de 1914, que regulamenta o funcionamento da escola complementar.

2 Criada em 10 de junho de 1892, por meio do Decreto n. 155, no Governo do Tenente Manoel Joaquim Machado.

3 Esse termo foi cunhado por Orest Ranun (1991, p. 215), para quem “as intimidades transitam sob três rubricas: os lugares privilegiados, adequados às relações com o outro; os objetos-reíquias, capazes de fazer lembrar alguém pelo qual se nutriu ou nutre algum sentimento; e os registros da existência íntima, conservados pela imagem ou pela escrita”.

## Referências

CUNHA, Maria Teresa Santos; LEAL, Elisabeth Juchem Machado. **Pesquisando o cotidiano de um colégio religioso feminino** (Colégio Coração de Jesus – Florianópolis/1895-1968). Relatório de Pesquisa. INEP/ Brasília: UFSC/ Florianópolis. 1991.

RANUM, Orest. “Os refúgios da intimidade”. In: ÁRIES, P.; CHARTIER, R. **História da vida privada**, Vol 3: da Renascença o Século das Luzes (traduzido por Hildegard Feist). São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

**República**, Florianópolis: República, [1922-].

**República, Florianópolis**: República, [1926-].

**República**, Florianópolis: República, [1927-].

RICOEUR, Paul. Memory, history, oblivion. In: **Haunted Memories? History in Europe after authoritarianism**, Budapest, 2003. Disponível em <<http://www.fondsriceur.fr>>. Acesso em: 08 de nov. de 2012

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003. p.231-270.